

CADERNOS DO

P
400/1800
A1Z
cx 2

UFRGS
Instituto de Letras

NÚMERO: 2

DATA: MARÇO/90

SCHLATTER, Margarete

A TOMADA DE TURNOS EM UMA SITUAÇÃO INFORMAL DE COMUNICAÇÃO
"SALA DE REDAÇÃO - DEBATES ESPORTIVOS"

Mestre em Linguística e Letras. Doutoranda em Linguística e
Letras (PUC-RS)
Profª Assistente - Departamento de Línguas Modernas (IL-UFRGS)

1 - INTRODUÇÃO

Desde a década de 60, vários pesquisadores têm salientado a importância da tomada de turnos como fator organizador de uma conversação. Segundo Goffman (1964: 136), "a fala é socialmente organizada, não somente em termos de quem está falando com quem e em que língua, mas na forma de um pequeno sistema de ações face-a-face mutuamente aquiescido, ritualmente governado, um encontro social. Uma vez endossado o ato de conversação, é necessário que haja marcadores disponíveis para pedir a palavra e para desfazer-se dela, para informar o falante quanto à atenção de seu(s) ouvinte(s). É preciso haver uma colaboração íntima entre os participantes para assegurar que um turno da conversação nem se sobreponha demais ao anterior nem lhe seja tão distante, pois cada turno tem que ter um andamento contínuo e exclusivo".¹

¹ A tradução das citações originalmente em inglês é de inteira responsabilidade do autor deste trabalho.

Apesar de a literatura apresentar vários aspectos interessantes sobre esse tipo de organização conversacional, a identificação detalhada das características da tomada de turnos somente teve um tratamento sistemático a partir do estudo de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), que, baseados em gravações de conversações naturais, tentaram caracterizar de forma mais simples possível, a organização da tomada de turnos na conversação, seus componentes e respectivas funções.

Além dos turnos, vários outros componentes conversacionais foram categorizados por esses e outros pesquisadores, entre os quais, pares adjacentes, reparos, seqüências paralelas ao turno principal, expressões para manter a palavra e para desfazer-se dela, diferentes formas de organização (abertura, desenvolvimento e fechamento) de tipos diversos de conversação (ver Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974; Duncan, 1973; Shapiro, 1976; Atkinson et alii, 1978; Levinson, 1983). Cada um desses componentes como também a interação entre eles têm sido objeto de estudos recentes, mas parece que, pelo seu caráter fundamental dentro da organização de uma conversação, a tomada de turnos é o fator que tem despertado o maior número de debates quanto à sua sistematização, aos mecanismos que envolve, à universalidade de suas regras e à caracterização dos fatores que influem para a variação do modelo de tomada de turnos como concebido tradicionalmente (ver Edelsky, 1981 e Denny, 1985).

Embora tratando-se de uma questão bastante atual, os estudos limitam-se, em grande parte, à análise de conversações na língua inglesa: conversações formais, informais ou outros tipos de trocas lingüísticas (em sala de aula, em sessões terapêuticas, em reuniões, etc.). Parece haver uma necessidade premente, portanto, de um número maior de pesquisas nessa área sobre outros sistemas lingüísticos para servir de apoio ou para se contrapor aos resultados encontrados até o momento.

O presente estudo é uma tentativa inicial de suprir parte dessa necessidade em relação à língua portuguesa. É comum ouvirmos comentários quanto à falta de polidez dos falantes brasileiros em

comparação com os britânicos ou norte-americanos no que diz respeito a interrupções bruscas, ao aumento do volume da voz e à ausência de expressões especiais para pedir a palavra em uma conversação. Parece que o brasileiro não "pede" a palavra, o que seria a forma educada e polida de manter a conversação, ele "toma" a palavra, se "apodera" dela desrespeitando seu interlocutor. A esse respeito, Marcuschi (1986: 21) observa que as regras de tomada de turno são sobejamente desrespeitadas no Brasil; mas que isso "não parece ser apenas uma questão de disciplina (...): o mais provável é que por trás disso esteja um outro modelo cultural".

Para responder essa questão, é preciso, no entanto, que se implementem pesquisas que possam revelar de forma sistemática a realidade de uma conversação entre falantes brasileiros. Para isso, seria necessário estudar trocas lingüísticas de vários tipos e em diversas situações de comunicação. Aqui nos limitaremos a uma conversação de caráter informal dentro de um programa de rádio, e analisaremos como ocorre a tomada de turnos nessa situação e de que forma as características observadas se inserem na discussão atual sobre turnos conversacionais e universalidade.

Basicamente, o presente trabalho dividir-se-á em duas partes. Na primeira discutiremos o turno conversacional: sua definição tradicional e as revisões que tem sofrido recentemente. Na segunda apresentaremos a pesquisa propriamente dita: a metodologia adotada, a análise e a discussão dos resultados.

2 - TURNOS CONVERSACIONAIS

2.1 - Definição tradicional

A base conceptual para o estudo da tomada de turnos é o caráter "um de cada vez" da conversação: um dos participantes, A, fala, pára; outro participante, B, inicia, fala, pára; e assim obteremos uma distribuição de fala A-B-A-B-A-B entre dois participantes de uma conversação. A justificativa fundamental para que a conversação proceda dessa forma é que a fala simultânea não permitiria a comunicação

já que ela provavelmente não seria ouvida.

"Um de cada vez" significa um turno de cada vez e, apesar de a definição de turno apresentar algumas variações entre os pesquisadores, a maioria utiliza alguma característica técnica para defini-lo. Por exemplo, o turno já foi definido como fala solo, iniciando no instante que um indivíduo começa a falar e terminando no instante em que outro indivíduo começa a falar sozinho. Nesse caso, as sobreposições não são consideradas parte do turno de ninguém. Utilizando uma unidade de análise "entre a sentença e o turno", Duncan (1973) define o turno como uma unidade de interação com um limite final marcado por sinais do ouvinte requerendo o turno. Para outros o turno é definido como "quem fala" ou ainda a fala limitada ou por uma pausa significativa ou pela fala de outro indivíduo. Para Goffman (1971), Mchoul (1978) e Sacks et alii (1974), os turnos são definidos por um lado como um direito, dever ou oportunidade que surge em uma determinada ordem, e por outro como as diversas unidades sintáticas proferidas pelo falante até o momento propício para a transição dos falantes (ver detalhes a seguir). Shapiro (1976) e Sacks et alii (1974) afirmam que qualquer mudança de falante constitui uma transação de turnos (com a exceção de breves aquiescências).

Como pode ser constatado acima, a definição do que constitui ou não um turno não parece ser tão fácil. Não obstante, toda conversação parece se caracterizar pela (re)ocorrência de troca de falantes, por uma freqüência muito pequena de sobreposições de fala (menos de 5% da conversação) e por lacunas entre a fala de um e o começo da fala de outro freqüentemente de somente alguns micro-segundos. Qualquer que seja o mecanismo responsável por essa transição tão ordenada, ele tem que ser capaz de operar em circunstâncias bastante diversas: o número de participantes pode variar consideravelmente; é possível que indivíduos entrem e saiam da conversação; os turnos podem variar de tamanho e sua distribuição entre os participantes não é fixa. Além disso, o mesmo sistema parece operar com a mesma eficácia tanto na interação face-a-face como também na ausência de um monitoramento visual, como ao telefone.

Apesar de várias pesquisas terem focalizado a seqüência da fala, somente dois modelos de tomada de turnos foram formulados, o de Sacks, Schegloff e Jefferson (SSJ) (1974) e o de Duncan e Fiske (1977). Ambos focalizam a troca suave de turnos, na qual não há sobreposição de falas e a troca de fala simultânea (com sobreposição), sendo que a primeira é considerada a mais freqüente na conversação. Os dois modelos descrevem um sistema que permite com que o primeiro e não o segundo tipo de troca ocorra. A troca simultânea constitui ou uma violação ou uma reivindicação simultânea das regras de tomada de turnos. Seguem-se algumas das idéias principais desses modelos.

O modelo de tomada de turnos de SSJ (1974) baseia-se nos seguintes fatos: (i) independente dos falantes e do tamanho e da ordenação dos turnos, fala um de cada vez; as transições entre os falantes são altamente coordenadas e há técnicas para essas operações; (ii) apesar de toda conversação estar sempre situada no contexto de seus participantes, não é preciso investigar todas as particularidades de tais contextos para que seja possível analisá-la. Caso isso fosse necessário, seria impraticável montar um sistema mínimo de operação. É necessário, portanto, que haja algum aparato formal capaz de dar conta de um grande número de interações cujos participantes e contextos variam. Segundo os pesquisadores, a organização de tomada de turnos parece ser esse mecanismo formal, livre de contexto no sentido de poder adaptar-se a quaisquer parâmetros de realidade social.

Supondo a universalidade do que foi colocado acima, a tomada de turnos torna-se uma operação básica da conversação e, conseqüentemente, do modelo proposto. No entanto, o turno propriamente dito não é considerado a unidade conversacional por excelência. Para os pesquisadores, há vários tipos de unidades com as quais o falante pode construir o turno. Elas incluem construções frasais, oracionais, sintagmáticas e lexicais, i.e., unidades sintáticas identificadas em parte pela estrutura lingüística superficial e em parte por elementos prosódicos, principalmente pela entonação.

Inicialmente, cada falante tem direito a uma dessas unida-

des (apesar de que, devido à flexibilidade da sintaxe da linguagem natural, o controle da extensão da unidade fica ao encargo do falante) e a primeira possibilidade de término da unidade constitui um lugar relevante para a transição. Neste momento, entram em vigor as regras que controlam a transição dos falantes (ver a seguir) o que não significa que haja necessariamente uma troca, mas simplesmente que ela pode ocorrer. Os pesquisadores salientam ainda que a característica fundamental das unidades de construção de turno é permitir a previsão de seu término, pois é essa projeção que permite a transição suave e rápida dos turnos.

Além dessa projeção, outra possibilidade de marcar o término do turno é indicá-lo explicitamente através de um convite a outro falante para ser o próximo. As técnicas para esse fim podem ser bastante elaboradas, podendo incluir mecanismos como: uma pergunta (oferta, pedido, etc.: primeira parte de um par adjacente²), indagações propostas ("tag questions") e os diversos tipos de marcadores para pedir esclarecimentos (Quem?, Tu fizeste o quê?, Desculpe, não ouvi. Queres dizer amanhã?, etc.), que selecionam o falante anterior como o próximo.

A fim de resolver a questão da distribuição dos turnos, coordenando a sua transição e minimizando as lacunas e a sobreposições, a construção dos turnos é governada pelas seguintes regras (onde C= falante corrente, P= próximo falante e LRT= lugar relevante para a transição):

² São denominadas de "pares adjacentes" aquelas seqüências conversacionais altamente padronizadas quanto à sua estruturação, formadas por dois turnos que coocorrem (muitas vezes obrigatoriamente) e servem para a organização local da conversação, p.ex., pergunta-resposta, convite-aceitação/recusa, cumprimento-cumprimento, etc. (ver SSJ, 1974: 716-7; Levinson, 1983: 303-8 ou Marcuschi, 1986: cap. 5)

Regra 1 - aplica-se inicialmente no primeiro LRT de cada turno

- (a) Se C seleciona P no turno corrente, então C pára de falar e P toma a palavra, sendo que a transição ocorre no primeiro LRT após a seleção de P.
- (b) Se C não seleciona P, então qualquer outro participante pode auto-escolher-se, sendo que o primeiro falante terá o direito do próximo turno.
- (c) Se C não selecionou P e não ocorrer nenhuma auto-escolha pela opção (b), então C pode (mas não necessariamente) continuar (i.e., requerer o direito por mais uma unidade de construção de turno).

Regra 2 - aplica-se a todos os LRTs subseqüentes

Quando a Regra 1(c) for aplicada por C, então as Regras 1(a)-(c) se reaplicam no próximo LRT e assim se procederá, recursivamente, até que se efetue a transição.

(Adaptação de Levinson, 1983: 298)

A análise das regras mostra que elas dão conta das características conversacionais mencionadas anteriormente. Geralmente, só um falante falará de cada vez em uma única conversação, fazendo com que as transições sem lacunas e sem sobreposições sejam mais comuns na conversação e, juntamente com as transições com breves lacunas e breves sobreposições, sejam a maioria. As sobreposições de fala ocorrerão mas serão breves e, na maioria das vezes, será possível prever o seu lugar exato: as sobreposições ocorrerão ou no caso de múltipla auto-escolha, como permite a regra 1(b), ou onde houver uma projeção falha de conclusão do turno (p.ex., quando o falante corrente acrescentar perguntas retóricas, pausas de entonação ou alguma hesitação). As regras fornecem uma base, portanto para a discriminação entre sobreposições inadvertidas (dois turnos brevemente superpostos) e sobreposições que violam as regras (a fala durante o turno de outro), as quais terão de ser reparadas por mecanismos reparadores da organização de tomada de turnos (ver a seguir).

As regras também prevêm que quando ocorre o silêncio, ele será considerado de forma diferente de acordo com sua posição estrutural: ele será (i) uma lacuna, antes da aplicação subseqüente das Regras 1(b) ou 1(c) ou (ii) um lapso, se não forem aplicadas as Re-

gras 1(a), (b) e (c) ou (iii) uma pausa significativa, após a aplicação da Regra 1(a).

Onde, apesar das regras, ocorre a fala sobreposta, entra em vigor um sistema reparador da tomada de turnos: (i) geralmente um dos falantes pára de falar rapidamente, desistindo em favor do outro, (ii) logo que um dos falantes "vence" o turno, ele geralmente repete exatamente o que foi obscurecido pela sobreposição e (iii) se um dos falantes não parar de falar imediatamente, haverá uma disputa, praticamente a nível de sílaba, sendo que o que mostrar mais "força" (aumento de amplitude, ritmo mais lento, alongamento de vogais, etc.), vencerá o turno.

Ao mesmo tempo que as regras permitem essas previsões tão específicas, elas também permitem as variações características da conversação mencionadas anteriormente, como, por exemplo, quanto ao tamanho do turno, ao número de participantes, à saída e/ou entrada de participantes, à distribuição de turnos, etc. Isso é possível porque o sistema opera localmente, i.e., ele funciona de turno para turno, organizando somente a transição do falante corrente para o próximo.³ Esse controle local, no entanto, está sujeito aos participantes da conversação, i.e., caracteriza-se também por ser um sistema interacionista, cujo êxito depende da contribuição de cada um dos participantes. Uma conseqüência importante do sistema de tomada de turnos é de que ele fornece, independentemente de conteúdo ou de considerações de polidez, uma motivação intrínseca para os participantes ficarem atentos a todos os enunciados da conversação uma vez que, para ser o próximo falante, o ouvinte tem que perceber os sinais de seleção do próximo falante ou a projeção de um lugar relevante para a transição.

³Na verdade, a entrada e/ou saída de participante vai influenciar, por exemplo, alguns detalhes técnicos para a seleção do próximo falante e o número de participantes poderá, quando acima de três, ocasionar conversações paralelas denominadas pelos pesquisadores de "cisma".

Ao passo que no modelo de SSJ (1974) não é necessário considerar os comportamentos não-verbais para uma explicação adequada da estrutura de tomada de turnos, outros pesquisadores vêem esse tipo de sinais como fundamental para a organização da conversação.

No modelo proposto Duncan e Fiske (1977), por exemplo, os ouvintes optam por tomar o turno após algum sinal do falante corrente de que ele pretende abrir mão da palavra. O "sinal de turno" foi constatado através de estudos empíricos de transições suaves e simultâneas e consiste de elementos verbais e não-verbais denominados "marcadores", os quais não só caracterizam as transições suaves mas também as diferenciam das simultâneas. Os sinais não-verbais incluem gestos, o olhar, a entonação e o tom de voz.

A regra do sinal de turno é de que a ocorrência de qualquer marcador de saída de turno do falante corrente é considerado um sinal para a oportunidade de uma transição suave. Como no modelo de SSJ, aqui também é possível influenciar o ouvinte para que ele tome o turno, mas, ao passo que no primeiro a influência origina-se principalmente do proferimento da primeira parte de um par adjacente (ou melhor, da força ilocutória desse enunciado - ver p. 7), no modelo de Duncan e Fiske, a influência provém principalmente do uso pelo falante de um sinal estratégico não-verbal (Duncan et alii, 1979).

A literatura ainda não parece ter esclarecido se as regularidades entre o comportamento não-verbal e a troca de turnos observadas por Duncan e Fiske são redundantes em relação às unidades de construção de turnos sintaticamente motivadas propostas por SSJ. Entretanto, há várias pesquisas nessa área focalizando a importância tanto de elementos verbais como também de elementos não-verbais na construção da conversação. Tais elementos incluem a força ilocucionária do evento da fala, o fechamento da sentença gramatical, o olhar do ouvinte, a mudança do tom de voz, pausas preenchidas, a extensão das pausas.

Goodwin (1981) afirma, por exemplo, que o olhar de ambos os participantes é um elemento relevante para a tomada de turnos na

conversação face-a-face e que os participantes utilizam procedimentos sistemáticos para conseguir o olhar mútuo em várias ocasiões durante a conversação. Esses procedimentos causam mudanças características nos enunciados do falante tais como recomeços, pausas e hesitação de vários tipos. Segundo o pesquisador, apesar de esses fenômenos poderem refletir uma dificuldade do falante em produzir o enunciado, eles podem também ter uma função interativa, demonstrando a preocupação do falante em construir enunciados coerentes para seu ouvinte e em conseguir o olhar do seu ouvinte para poder abrir mão da palavra e lhe passar o turno.

O papel ou a função do olhar dos interlocutores e de outros comportamentos não-verbais em relação à tomada de turnos ainda é uma questão bastante controversa. Se tais sinais fossem básicos para esse sistema, então na falta de marcadores visuais como o olhar, por exemplo, a conversação deveria apresentar muito mais lacunas e sobreposições ou alguma outra compensação através de marcadores audíveis. Pesquisas sobre conversas por telefone mostram, no entanto, que isso não ocorre. Na verdade, parece haver até menos lacunas e sobreposições nessa situação e não há evidências de uso de padrões entonacionais ou prosódicos especiais (ver, p.ex., Butterworth, Hine & Brady, 1977).

Todas essas descobertas quanto aos comportamentos não-verbais na conversação não parecem fáceis de explicar. A grande variação entre as pesquisas em relação à importância que elas atribuem a esses sinais pode ser devida a características socioculturais, parâmetros situacionais e inclusive à metodologia adotada. Conseqüentemente, a relação entre o comportamento verbal e não-verbal e a estrutura da conversação ainda permanece bastante obscura. É certo que os sinais não-verbais indicando o final do turno realmente ocorrem, mas eles não parecem ser a base organizacional fundamental para a tomada de turnos. Esta ainda parece encontrar maior fundamentação em um sistema de regras como o proposto por SSJ.

Isso não quer dizer, no entanto, que o modelo desses pes-

quisadores esté isento de críticas. Edelsky (1981) afirma, por exemplo, que a maioria dos estudos sobre a tomada de turnos baseia-se em díades e em situações relativamente formais, que não seriam consideradas "conversações informais" por falantes nativos. Nesses casos, o caráter "um de cada vez" da conversação realmente parece ser mais comum. Mas estudos em outras comunidades lingüísticas (que não eram falantes nativos de inglês) já demonstraram que a fala simultânea ocorre e é freqüente, prevista e processada naturalmente. "O caráter 'um de cada vez' da conversação não é, portanto, um universal conversacional, nem é essencial para a comunicação" (Edelsky, 1981: 397). Além disso, segundo a pesquisadora, a adoção inquestionável dessa premissa faz com que vários pesquisadores considerem a fala simultânea ("muitos de cada vez") como algo degenerado, uma falha que necessita reparos. Isso os leva não só a evitar a procura de explicações alternativas e uma caracterização mais precisa desse fenômeno como também a desprezar sua possível importância na conversação. Através de estudo mais detalhado nessa área, Edelsky (1981) mostra que as ocasiões de "muitos de cada vez" nem sempre são breves, reparadas ou degeneradas (ver maiores detalhes a seguir).

Realmente parece que a ênfase na oposição entre trocas suaves e simultâneas, tanto no modelo de SSJ (1974) como no de Duncan e Fiske (1977), reflete exatamente os dados utilizados. No entanto, outros dados que indiquem uma grande freqüência de falas simultâneas não parecem afetar a validade dos modelos, mas indicam simplesmente que o seu alcance pode ser limitado a um determinado tipo de conversação e/ou de cultura, onde evitar a sobreposição seja a norma seguida pelos interlocutores.

2.2 - A definição de turno é revista

Alguns estudos recentes focalizando a tomada de turnos têm salientado o fato de que a definição tradicional de turno necessita ser revisada para dar conta das transições em conversações de caráter mais informal como também do que ocorre em outras comunidades lingüísticas que não a de falantes nativos de inglês, que originou

os modelos tradicionais.

De acordo com Edelsky (1981), é preciso, em primeiro lugar, definir o "turno" com critérios menos arbitrários. As definições existentes ou equiparam o turno com o falante, outras vezes exigem fala solo como elemento fundamental, freqüentemente incluem o comportamento de outros participantes para determinar os limites do turno, mas não incluem as intenções daquele que quer tomar o turno.

O problema de definir o turno com base simplesmente na troca de falantes é que isso não dá conta nem do que um participante sente constituir um turno nem da intenção daquele que vai tomar o turno. (...) [Dessa forma] ignora-se o fato de que algumas interrupções transcritas não são "sentidas" como interrupções enquanto alguns "turnos um de cada vez" são. (...) Isso relaciona-se com uma tendência geral de desconsiderar a conclusão do conteúdo de um turno em favor das características estruturais desse conteúdo. Tal tendência leva a uma definição de turno como concluído mesmo se o falante não tenha sentido que a mensagem esteja completa e tenha então ou acrescentado uma reflexão posterior ou se submetido silenciosamente a um corte decorrente de uma interpretação errônea baseada na estrutura e não no conteúdo. (Edelsky, 1981: 399)

A pesquisadora sugere, portanto, que sejam levadas em conta as intuições de um participante da conversação para a definição do que é um turno conversacional. A partir de uma perspectiva intuitiva e não-técnica (contrária às definições anteriores), Edelsky (1981) tenta compreender melhor as transições entre os falantes e as sobreposições bastante freqüentes nos dados por ela analisados.

Sua pesquisa teve como base a gravação em áudio de cinco reuniões de uma comissão departamental encarregada dos horários e programas de uma disciplina de um curso universitário, da qual participavam sete membros (entre os quais a própria pesquisadora) que podiam ser classificados uns em relação aos outros desde colegas até amigos íntimos. Apesar de serem cinco reuniões diferentes dependendo dos presentes, da pauta, acontecimentos no departamento, etc., todas tinham características comuns entre si e com outros tipos de conversas de vários participantes.

Após decidir-se por um tipo de transcrição diferente da tradicional, que permitisse visualizar o caráter "muitos de cada vez" das conversações analisadas e as intuições da pesquisadora de quem estava com a palavra, do tamanho de um turno e o que ocorria nesse turno e simultaneamente ao turno, Edelsky passa a definir o que é um turno conversacional.

Em primeiro lugar ela sente a necessidade de diferenciar "turno" de "palavra" ("floor"), que em geral são considerados sinônimos na literatura. Para a pesquisadora, o turno é a fala "on-record" (que pode incluir atividades não-verbais) que abriga uma intenção subjacente de transmitir uma mensagem referencial e funcional. Isso implica que nem toda a fala pode ser considerada um turno. Um turno ocorre entre determinados participantes, o que ocorre "off-record" e for dito para um ou para poucos participantes ao invés de para todos, geralmente em voz mais baixa, é considerado um comentário à parte. Além disso, é preciso levar em conta as intenções daquele que vai tomar o turno quanto à construção de significado, se ele deseja transmitir mensagens referenciais e funcionais. Isso implica que as expressões proferidas com o intuito de fornecer um "feedback" ao falante corrente e não uma mensagem referencial (mhm, ahã, sim, claro, etc.) não são consideradas turnos, mas sinais encorajadores. Finalmente, é necessário ainda dar conta das intenções do falante referentes aos limites da mensagem, o que terá implicações na questão da sobreposição de falas, podendo esclarecer melhor, por exemplo, quem está interrompendo quem.

A palavra é definida por Edelsky como o que reconhecidamente está ocorrendo dentro de um tópico ou função ou ainda a interação de ambos. A palavra pode ser desenvolvida ou controlada por um indivíduo de cada vez ou por vários participantes simultaneamente ou em seqüências muito rápidas. O termo "reconhecidamente" deve-se ao fato de que, se questionados, os participantes saberiam descrever o que está acontecendo como "ele está falando sobre os programas", "ela está sugerindo algo" ou "nós todos estamos respondendo a pergunta dela", etc.

A partir das colocações acima é possível distinguir turnos que não mantêm a palavra ("on record", com conteúdo proposicional e funcional, mas não constituem o que reconhecidamente está acontecendo na conversação), a condição de ter a palavra quando não se está falando (p.ex., quando alguém está com a palavra e se envolve em outra atividade enquanto os outros participantes falam entre si em voz mais baixa ou silenciam para não desrespeitá-lo) e a ausência da palavra (quando ocorrem somente comentários à parte na conversação).

Um dos fatos mais interessantes da pesquisa de Edelsky (1981) é justamente a realidade das sobreposições na conversação informal. Parece que, dependendo do contexto, a sobreposição de falas não é considerada uma violação às regras da conversação, como proposto tradicionalmente, mas uma outra forma de desenvolver uma conversa com vários participantes. A pesquisadora observa que nas situações em que a palavra era desenvolvida ou controlada por vários participantes (simultaneamente ou em seqüências rápidas), não ocorriam paradas prematuras dos falantes ou recomeços, mas, sim, eram contribuições fluentes e contínuas. Isso mostra que as sobreposições não eram consideradas como violações das regras de tomada de turnos e, assim, não precisavam ser reparadas. Edelsky explica que provavelmente nesse caso os participantes contam com a repetição e a redundância dessa sobreposição de mensagem para auxiliá-los no seu processamento.

Parece, portanto, que apesar de a transição tecnicamente considerada suave ocorrer dentro de um certo universo, o seu caráter normativo não coincide com a sua distribuição real, i.e., a grande freqüência da transição suave de turnos pode estar sendo superestimada. Como coloca Denny (1985), é importante lembrar ainda que o que constitui uma transição suave ou apropriada (ou simultânea ou não apropriada) provavelmente varia entre os membros de uma cultura e isso significa que as trocas de turnos com ou sem sobreposições podem ambas serem consideradas suaves ou simultâneas, dependendo do contexto.

Uma vez aceito o fato de que as trocas de turno com e sem

sobreposições de fala se repetem e não estão distribuídas de forma aleatória, e que cada uma delas é normativa dentro de um determinado universo tal que os falantes possam identificá-las como formas de se falar, a proposta de Denny (1985) é de que elas podem ser tomadas como índices conversacionais. Segundo a pesquisadora, o uso desses índices pode ser pragmaticamente não marcado (i.e., o uso como é usual em um determinado contexto, onde a expressão em si não chama nenhuma atenção) ou pragmaticamente marcado (i.e., o uso de um mecanismo lingüístico na linguagem cujo uso por si só chama a atenção e é considerado incomum naquele contexto).

De acordo com a pesquisadora, na sociedade norte-americana a distribuição de transições com e sem sobreposição não é considerada aleatória, cada uma relaciona-se a diferentes situações sociais através de fatores como a posição e a formalidade dos papéis interpessoais.

A transição com sobreposição, um índice não-marcado quando ocorre entre amigos, é marcado pragmaticamente em uma situação formal e pode ter o efeito de tornar o formal mais informal. Nessas condições, a sobreposição de falas não será percebida pelos interlocutores como rude ou "inapropriada". (...) O contexto exato de ambos os tipos de transição é, sem dúvida, fundamental. (Denny, 1985: 46)

De acordo com essa perspectiva, ambos os tipos de troca de turnos podem ocorrer na mesma interação social e serem ambas percebidas como "apropriadas" ou "inapropriadas" dependendo do que está ocorrendo na conversação e dos papéis interpessoais dos interlocutores.

Através de um estudo detalhado de um videotape de oito conversações entre díades (alunos universitários) que não se conheciam previamente, Denny (1985) analisa os elementos verbais e não-verbais necessário para a ocorrência de trocas de turno sem sobreposição de falas. A pesquisadora parte do princípio de que os mecanismos do sistema de tomada de turnos constituem-se componencialmente, i.e., eles podem ser necessários mas não suficientes para a troca e cada combinação de mecanismos relaciona-se funcionalmente

forma distinta à troca.

Denny pôde concluir que os mecanismos necessários para a troca de turnos sem sobreposição são o fechamento gramatical dos enunciados, o olhar do falante e do ouvinte, a extensão da pausa e a força ilocutória do enunciado. A configuração mais saliente para esse tipo de troca consistiu na coocorrência dos três primeiros mecanismos (a força ilocutória não foi necessária para a melhor previsão de troca). Conseqüentemente, nessa situação é essa a configuração não-marcada. Essa forma é, portanto, produto de ambos os interlocutores e é a que pressupõe menos em relação à conversação propriamente dita, i.e., é a que menos se relaciona à força ilocutória dos enunciados e às características da situação social. Na verdade, essa constatação vem ao encontro da idéia de SSJ quando consideram o turno um elemento conversacional livre de contexto (ver p.6). De acordo com a caracterização de Denny (1985), a situação mais propícia para a troca de turnos sem sobreposição também parece ser livre de contexto.

No entanto, Denny analisa também as configurações marcadas nessa situação de conversação e conclui que a função de cada uma varia de acordo com o tipo de coocorrência dos elementos verbais. Portanto, além da situação social, deve-se levar em conta também a relação entre os elementos que compõem a tomada de turnos.

Como podemos constatar, a revisão da definição tradicional de turno focaliza, principalmente, duas questões básicas: caracterizar com maior precisão quais os componentes necessários para os diferentes tipos de tomadas de turno (mecanismos verbais, não-verbais e intenções dos interlocutores) e, partindo dos princípios de que a sobreposição de falas nem sempre é uma violação das regras e de que a distribuição das transições breves e simultâneas não é aleatória, estabelecer em que universos (situações sociais e culturais) elas se inserem. A presente pesquisa pode contribuir nesse sentido à medida que visa a analisar como ocorre a tomada de turnos em uma conversação informal entre falantes brasileiros e assim esboçar o tipo de transição que melhor a caracteriza.

3 - IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA

3.1 - Metodologia

3.1.1 - Caracterização dos dados

O presente estudo está baseado em uma gravação áudio de treze minutos do programa de rádio "Sala de Redação - Debates Esportivos" do dia 14 de setembro de 1988. Nesse dia participaram do programa cinco radialistas esportivos, sendo que um deles (indicado como "D") atua como mediador do debate. Apesar de ocorrer em um estúdio de rádio, que normalmente seria considerada uma situação formal e até artificial devido ao equipamento e ao próprio local, a conversação analisada pode ser classificada como informal. A razão principal dessa classificação deve-se ao fato de que o programa em questão, com esses participantes, já existe há aproximadamente três anos e é transmitido ao vivo diariamente por uma hora, i.e., além de haver uma familiaridade muito grande dos componentes do grupo com o veículo e a situação em si, eles se conhecem e trabalham juntos há bastante tempo (inclusive muito antes de participarem do Sala de Redação). Portanto, o debate entre eles é um debate informal sobre um tema informal e polêmico (predominantemente futebol) e se desenvolve naturalmente: uma conversa entre amigos que se encontram diariamente, dão suas opiniões sobre os acontecimentos relacionados ao esporte ou a outros fatos atuais, discutem, fazem piadas, contam algum fato que lhes tenha ocorrido, etc.

O clima de informalidade do programa é reforçado ainda pelo próprio horário (13h - 14h), teoricamente entre o final do almoço e o início do expediente da tarde e próprio para esse tipo de "conversa fiada" - os ouvintes acompanham o debate como se estivessem participando dele. Além disso, o programa se desenvolve a partir da polêmica uma vez que alguns de seus participantes são claramente alinhados com times de futebol rivais e outros, inclusive, ex-dirigentes desses clubes.

3.1.2 - Transcrição dos dados

O sistema adotado para transcrever os dados é uma versão aproximada do que foi sugerido por Edelsky (1981: 390-6). Com o intuito de captar o caráter multidimensional e interrelacionado (não linear) da conversação, o que era dito por quem estava com a palavra foi transcrito no meio da página, as conversações paralelas e as expressões encorajadoras, à direita e as tentativas de tomar o turno que se sobrepunham ao turno do falante corrente, à esquerda. A classificação de algumas conversações como paralelas, quando havia sobreposição de falas, baseou-se, fundamentalmente, no que estava ocorrendo na conversação naquele momento (o que Edelsky, 1981 denominou de "palavra", ver p. 14 deste trabalho) e algumas vezes também pelo uso de um tom de voz mais baixo. (Ver exemplo da transcrição dos dados na página seguinte, onde [] indica início e fim de sobreposição de falas e () indica fala incompreensível.)

Não foram incluídos detalhes mais precisos na transcrição ou por não serem necessários para a análise da tomada de turnos ou por limitações de equipamento (p.ex., não foi feita a cronometragem das pausas, que foram praticamente imperceptíveis e só poderiam ser cronometradas com um equipamento mais sofisticado).

3.1.3 - Análise dos dados

Como vimos, os elementos fundamentais que devem ser levados em conta para analisar como ocorre a tomada de turnos sem sobreposição são o fechamento gramatical do enunciado, o olhar do falante e o do ouvinte e a extensão da pausa (Denny, 1985 - ver p. 17 deste trabalho). Como já mencionamos, não foi possível cronometrar as pausas, pois elas eram praticamente imperceptíveis. Devido ao tipo de gravação (somente em áudio), também não foram levados em conta os olhares dos interlocutores. No entanto, a falta desses dados não afeta de forma decisiva esse trabalho. O nosso objetivo específico limita-se, dentro das limitações de uma gravação em áudio, a verificar como ocorre a troca de turnos em uma conversação informal com vários participantes: até que ponto ela segue as regras

Tentativas de tomada de turno	Turno	Expressões encorajadoras e conversações paralelas
B- [Alguma vez eu já, ô, Pedro Ernesto]	P- [Normalmente]	
B- [Um momento]	C- [Não, mas o]	P- quem dá as notícias do Inter aqui é o Régis, não é tu, [né?]
	C- [problema é que, o problema é que]	P- [Tu não sabe nada]
	[ram, a fon]	[Ah, bom.]
	[como consumada]	[A fonte da informação]
	[me deu essa informação]	L- [Perfeito]
	[deu essa informação]	
	[e eu tenho a obrigação profissional, eu não ando à busca]	B- [O Cabral não esconde nada.]
	[desse tipo de notícia, tá]	
	L- Isso aí é verdade? Não é a fonte dos de [sejos. É verdade?]	
C- [não, não, essa]	C- aí é a famosa fidedigna	L- Ah, tá. Fonte fidedigna.
	C- [Fidedigna.]	P- [Bom]
L- [Hoje]		[procurar bem,] o Cabral esconde.
L- [Hoje]		B- [Não, não esconde nada] O Cabral não. O que é isso?

propostas por SSJ (1974) e qual o tipo de transição que melhor a caracteriza.

Os dados serão apresentados em números absolutos e em porcentagens em relação ao total dos treze minutos de conversação analisados.

3.2 - Resultados e discussão

Após transcritos os dados, foram categorizados os turnos, as conversas paralelas e os sinais encorajadores, segundo os parâmetros propostos por Edelsky (1981) (ver p. 13-5 deste trabalho). Segue-se a análise de cada um desses componentes.

3.2.1 - Tomada de turnos

O turno foi categorizado como a fala "on-record" que abrigasse uma intenção subjacente de transmitir conteúdo proposicional e funcional. O exemplo a seguir ilustra três turnos da conversação:

C- [A Infor]

B- A Infor
[mação]

C- mação que eu queria dar é a seguinte: que, segundo ela, o Internacional já con [tratou] definitivamente o Nilson e o Amarildo de Pelotas.

L- [O Nilson]

L- Tive excelente [impressão do Nilson na Seleção] paulista. Excelente im [pressão do Nilson, mesmo deslocado na seleção paulista. E o Amarildo só falta repetir no Inter o que ele realiza no Pelotas.

P- [Opa, bons os dois]

C- [Eu também.]

C- Exatamente. Então se o Internacio...

Durante toda a conversação analisada (13 min.) foram computadas 62 tomadas de turnos, das quais 39 (63%) ocorreram com sobreposição de falas e 23 (37%) sem sobreposição. Essas últimas caracterizavam-se por serem seqüências muito rápidas separadas por uma pausa mínima, praticamente imperceptível: o falante seguinte iniciava a fala imediatamente após o término da fala do que estava com o turno.

De acordo com os dados, portanto, a tomada de turnos de uma conversação informal como a analisada aqui caracteriza-se predominantemente por sobreposições de fala e algumas vezes por seqüências muito rápidas. Os falantes nativos de português parecem realmente "tomar" ou "se apoderar" do turno, geralmente adiantando-se ao término do turno de seu interlocutor.

Esse resultado vem ao encontro do que foi constatado por Edelsky (1981), i.e., o caráter normativo das regras de SSJ (1974) não se aplica da mesma forma a todos os tipos de conversação. Em uma conversação informal, tanto entre falantes nativos de inglês como também falantes nativos de português, a tomada de turnos parece permitir sobreposições de falas sem que os interlocutores se sintam desrespeitando uns aos outros ou às próprias regras da conversação. Confirmando as colocações de Denny (1985), parece que o tipo de tomada de turnos não-marcado em conversações informais entre amigos caracteriza-se por sobreposição de fala. Pausas longas ou a ausência de sobreposições provavelmente seria considerado incomum e anti-natural nessa situação de comunicação.

3.2.2 - Tomada de turnos com sobreposição de falas

Como vimos, 63% das tomadas de turno ocorrem com sobreposição de falas (n= 39). Desse total, 32 (82%) se caracterizavam pelo próximo falante tomar o turno enquanto o falante corrente ainda não havia terminado, 6 (15%) caracterizavam-se por mais de um falante tentando tomar o turno e em 1 (3%) ocorreu uma sobreposição da fala do próximo falante com um comentário à parte de outro.

O fato de 82% das tomadas de turno com sobreposição caracterizarem-se pelo adiantamento do próximo falante ao término do turno de quem está com a palavra mostra que nesse tipo de discussão (marcada pela polêmica) é fundamental começar a falar assim que a mensagem do falante corrente possa ser considerada completa a fim de garantir a posse do turno seguinte.

Realmente, a análise detalhada das transições revela que esse tipo de sobreposição ocorre em situações onde o falante corrente já transmitiu sua mensagem e está ou pronunciando as últimas sílabas da última palavra do enunciado, ou repetindo parte da idéia que já colocou (caracterizando muito bem a redundância da conversação), ou acrescentando algum comentário que não faz parte essencial da mensagem. Por exemplo:

- | | | |
|--|--|--|
| K- [Ah,] | L- (...) Vi o teipe do Grêmio, três, São Paulo, zero. E tá lá no Atlético, adversário do Grêmio dá-lhe que te dá-lhe pênaltis, sem nenhum constrangi | } <u>últimas sílabas da palavra</u> |
| P- [Mas ontem, ontem] | K- Nem sei por que o Belmonte faz esse registro, porque aqui em Porto Alegre os cara jogam muito mais do que o Zico e o Tita, né? Muito mais. Jogando mais do que o Zico e do que o Tita, eles não precisam treinar, fazer treinamento de pênaltis | } <u>repetição do que já foi dito</u> |
| K- [Não, mas aqui tem um monte] | P- Mas ontem tu dizia aqui que aqui não se acha ninguém craque. Hoje tu acha que é tudo perna de | } <u>repetição do que já foi dito</u> |
| P- [Não, eu acho que não, agora também eu não] | K- de jogador aqui no Rio Grande do Sul que joga mais do que o Zico, né. É uma loucura. Agora eu, eu | } <u>parte não essencial da mensagem</u> |
| | P- entendo. O cara tem uma opinião a cada dia. | |

L- Ou então fazer como o Fluminense e o Botafogo que se negaram a bater o pênalti na primeira rodada. Tem que dançar conforme a

C- [É]

[música.]

última
palavra

C- Só que aquilo ali foi mais um posicionamento ideológico, né Lauro

[o]

L- [É]

o Botafogo e o Fluminense entendiam que não era bom. Era um posicionamento também do Clube dos 13 [na ocasião]

L- [bate o pênalti]

última
palavra

L- registra em súmula sob protesto...

Como pode ser constatado, o lugar onde ocorrem as sobreposições realmente pode ser previsto, como colocam SSJ (1974) (ver p. 8), mas parece que essa previsão não está ligada à estrutura sintática como querem os pesquisadores, mas, sim, à conclusão da mensagem. Não parece interessar aos interlocutores se o falante corrente ainda vai acrescentar uma palavra, uma oração completa ou mais de uma depois de ter transmitido o essencial. Uma vez "sentida" a mensagem como completa, os interlocutores sentem-se à vontade para tomar o próximo turno sem causar constrangimentos ou violar regras da conversação. Isso quer dizer que as sobreposições nem sempre serão tão breves como querem SSJ, por exemplo:

K- (...)

é como
você dizer, ô Cláudio Cabral, que um pedreiro fica estressado porque tem que fazer o reboco de uma casa.
[Ou]

C- [Não, eu]

como dizer que o garçon fica estressado porque tem que

C- [Não, eu não diria estressado. Não, não, não. Mas ô Kenny, tu não pode... Eu vou te dar um exemplo]

[servir a sobremesa. Porque ele é inerente ao futebol. Agora, é um acontecimento excepcional dentro do futebol]

C- Eu vou te dar um exemplo. Tu não pode comparar o esta-

A explicação das sobreposições de fala não parece se caracterizar por uma projeção falha da conclusão de turno, como colocam os pesquisadores. Na verdade, a projeção de um lugar relevante para a transição parece estar baseada na conclusão da mensagem: aí se encontra a oportunidade de tomar o turno e é necessário adiantar-se (em relação à conclusão da fala em si, não da mensagem) para garantir a posição do próximo falante. A forma utilizada para isso geralmente é o uso de sinais ou expressões como: ah; mas; não, mas; sim, não, mas; não, eu acho que; é, só que; não, digo mais; claro, por exemplo; sim, mas; só que tem o seguinte; ou com enunciados que explicitam a força ilocutória do que vai ser emitido a seguir como: não, eu só quero dizer o seguinte; digo mais prá vocês; eu proponho outra comparação; eu vou dar um exemplo.

Se considerarmos todas as tentativas de tomada de turno⁴, com e sem sobreposição de falas, 61% foram iniciadas com as expressões acima e 39% diretamente com a mensagem. É interessante notarmos, no entanto, que se separarmos essas tentativas de tomar o turno em tentativas com sobreposição e tentativas sem sobreposição teremos o seguinte quadro:

Tentativas de tomada de turnos (72)		
	com sobreposição (49)	sem sobreposição (23)
com uso de expressões	71% (35)	39% (9)
com mensagem em si	29% (14)	61% (14)

O quadro mostra claramente que quando o falante "interrompe" o seu interlocutor, adiantando-se para garantir o próximo turno, geralmente ele o faz através do uso de expressões de tomada de turno. Quando a transição ocorre sem sobreposição, há uma tendência

⁴ Por vezes o mesmo falante tenta tomar o turno mais de uma vez "interrompendo" aquele que está com a palavra em duas ou até três ocasiões diversas antes de conseguir o próximo turno definitivamente. Isso ocorreu sete vezes nesse corpus.

maior de iniciar o turno com a mensagem em si, dispensando as expressões.

Todos os dados acima sugerem um comportamento bastante sistemático dos participantes de uma conversação informal de caráter polêmico entre vários indivíduos: o importante é garantir o próximo turno, quando se deseja obtê-lo, durante o turno do falante corrente, na primeira oportunidade onde for possível considerar sua mensagem como completa.

Um fator que contribui para a confirmação desse parâmetro é o uso ocasional de reparos nessa conversação. SSJ (1974) afirmam que no caso de sobreposição de falas, entra em vigor o sistema reparador da tomada de turnos através de mecanismos como a parada prematura de um dos falantes, a repetição do que ficou obscurecido ou então através de outras mudanças da forma de se falar como aumento de voz, etc. (ver p.9). A análise dos nossos dados revela, no entanto, que a maioria das tomadas de turno com sobreposição não apresenta repetição alguma do que foi obscurecido (66% comparados a 36%, onde há repetição de parte ou de tudo que foi obscurecido durante a sobreposição). E, se considerarmos ainda que, nas sobreposições que iniciam com a mensagem em si (14), somente 43% (6) apresentam a repetição de algo que foi obscurecido, poderemos concluir que os reparos não parecem ser tão necessários aqui como sugerem os pesquisadores. Na verdade, a repetição (em geral, da expressão de tomada de turno) parece servir como uma confirmação da posse do turno e não um esclarecimento da mensagem que possa ter ficado obscurecida pela sobreposição.

Quanto às paradas prematuras, foi possível observar seis sobreposições resultantes de uma competição entre dois ou mais participantes tentando tomar o próximo turno (múltipla auto-escolha como permite a Regra 1(b) - ver p.8) Por exemplo:

múltipla
auto-
escolha

{ P- [Olha aqui, K [Qual era
o, o] a informação
Cláudio?]

(...)

C- "Para a turma do Sala,
do amigo Bob"

K- Bob (risos)

Eu não me chamo Bob, não
more em Hiterói

P- Foi o cardeal
[que mandou isso]
(risos)

[Ah, é. foi o]

cardeal.

Claro, só pode ser.

P- Não, não, pára aí. Me
dá um tempinho. O Lauro
disse que já pegou coisa
melhor, não foi?

L- É verdade (risos)

Pois para mim nunca
choveu nada parecido.
É só diágão que pinta.

(risos)

(...)

né. Mas o que tá ocorren-
do aí na 2ª Divisão, Lau-
ro Quadros.

múltipla
auto-
escolha

{ B-[Ah, va- C-[Ah,
mos falar] vamos
falar
sobre
isso,
hem?]

B- Logo depois da informa-
ção muito importante que
está chegando nesse momen-
to. Logo depois do comer-
cial.

Em apenas duas das seis ocorrências de múltipla auto-escolha houve uma parada prematura de um dos "candidatos" ao turno, que, na verdade, era o mesmo participante tentando em duas ocasiões interromper uma discussão que acontecia predominantemente entre dois outros interlocutores (ele "perde" o turno uma vez para cada um deles e acaba desistindo de falar). Nas outras ocasiões, um dos participantes claramente "vence" o turno, permanecendo com a palavra, mas o outro não deixa de concluir o que estava dizendo.⁵

É importante lembrar que a primeira regra de tomada de turnos (Regra 1(a)) é a escolha do próximo falante pelo falante corrente. Como vimos, isso pode ocorrer através de vários tipos de sinais verbais e/ou não-verbais. Desconsiderando os sinais não-verbais (que não analisamos aqui), observamos que houve 12 ocorrências explícitas de escolha do próximo falante, sendo que duas foram feitas diretamente, uma através do nome do próximo falante e a outra, do pronome "tu", e as restantes, através da força ilocutória de um enunciado que constituía-se da primeira parte de um par adjacente claramente dirigida a apenas um dos interlocutores.⁶

No entanto, novamente essa regra nem sempre foi seguida à risca, pois, para isso, o falante corrente teria que parar de falar antes que o próximo iniciasse no primeiro lugar relevante para a transição. Dessas 12 ocorrências de seleção do próximo falante, sete caracterizam-se por sobreposição de falas, i.e., o falante escolhido iniciava antes do corrente ter concluído a fala (depois da conclusão da mensagem).

⁵ Parece que quem "vence" o turno, o consegue algumas vezes pelo aumento da voz, outras, através de expressões como "Pára aí, me dá um tempinho" ou porque o outro desiste depois de completar o que estava dizendo. No entanto, qualquer conclusão a esse respeito seria precipitada uma vez que as ocorrências de múltipla auto-escolha foram muito poucas.

⁶ As primeiras partes utilizadas foram: crítica (2), avaliação (2), censura (3) e pergunta (3).

Uma constatação interessante ainda relativa às sobreposições foi a ocorrência do que Edelsky (1981) denominou de "palavra desenvolvida simultaneamente por vários participantes" ("free-for-all")

Por exemplo:

palavra desenvolvida simultaneamente por quatro interlocutores

		C- Não cometa essa injustiça. Eu seria incapaz de fazer uma coisa dessas, mesmo porque esse tipo de coisa acaba confirmando o que eu defendo arraigadamente.	
		[que dá uma incomoda-	L- [É, só dá incomoda-
		ção]	ção]; (risos)
P- [Agora, realmente]	[tu imagina] (risos)		
	P- trata-se de um es		
	altamente]	[péculme	L- [Deixa eu ver se ela é boa] (risos)
K- [Com esta]	[raro]	B- [Vai dar problema]	
		K- bola aqui	
C- [Vai dar]	[vai ter meia]		
	dúzia em Porto Alegre] (risos)		
	C- Esta fotografia de mulher nua vai dar		
L- [bom, vou só dizer uma coisa prá vocês do fundo do coração]	[problema, vai dar, vai dar]		
		L- Já faturei coisa melhor.	
			K- Ah, é brincadeira (palmas) (risos)

C- Vai dar rolo porque o programa aqui é, ele é composto de de um segmento que é sério, de um segmento que é devasso (...)

Como mostra o exemplo, essa parte da conversação caracteriza-se por várias sobreposições, colocações breves e risos. É difícil dizer quem está com a palavra, ela está à disposição de todos. Cada participante está desenvolvendo turnos breves e juntos eles estão envolvidos na construção da palavra que aqui é fazer piadas. Uma observação feita por um dos participantes desencadeia uma situação propícia para uma "desordem" da organização de tomada de turnos e todos, colaborando "desordenadamente" com uma observação engraçada, parecem relaxar do próprio sistema que exige a atenção contínua dos par-

ticipantes para perceber o primeiro lugar relevante para a transição e poder, assim, conseguir o próximo turno.

Confirmando o que foi observado por Edelsky (1981), em geral não há repetições do que foi obscurecido nessas sobreposições, o que vem ao encontro da idéia de que, nessa situação, as sobreposições não são tidas como violações às regras ou ofensa aos outros participantes. Há de se observar também que os falantes podem contar com a redundância característica da conversação, que os libera do uso de mecanismos de reparo para garantir a compreensão.

3.2.3 - Conversações paralelas

O que ocorreu "off-record", i.e., foi dito para um ou para poucos participantes ao invés de para todos e geralmente em voz mais baixa, foi classificado como conversação paralela conforme exemplo da página seguinte.

Como mostra o exemplo, as conversações paralelas caracterizam-se por serem sobrepostas à conversação principal sendo que essas sobreposições são, em geral, mais longas do que as de tomada de turno. Além disso, não há reparos, que são desnecessários considerando que o interlocutor a quem foi dirigido o comentário tenha compreendido a mensagem.

É interessante notar que essas interações também apresentam turnos, os quais ocorrem concomitantemente aos turnos que formam a palavra. Em todo o corpus, ocorreram duas instâncias claras de conversações paralelas. A ausência de mais dados relativos à essa questão impede sua análise mais detalhada, mas tais interações também foram constatadas por Edelsky (1981) e consideradas comuns em conversações entre vários participantes por SSJ (1974: 713), que as denominaram de "cisma" (ver nota 3).

3.2.4 - Sinais encorajadores

Foram considerados sinais encorajadores as expressões proferidas para fornecer um "feedback" ao falante corrente. As expressões caracterizaram-se por serem sinais convergentes (pois é, é, cla-

B- [Alguma vez eu já, ô, Pedro Ernesto]

P- [Normalmente]

B- [Um momentinho]

C- [Não, mas o]

P- Quem dá as notícias do Inter aqui é o Régis, não é tu,

[né?]

C- [problema é que, o problema é que]

me telefonou

[raa, a fon]

telefonou e me me deu [me deu essa informação]

[como consumada]

e eu tenho a obrigação como profissional, eu não ando à busca

[desse tipo de notícia, tá]

L- Isso aí é verdade? Não é a fonte dos de [sejos. É verdade?]

C- aí é a famosa fidedigna

C- [Fidedigna.]

L- [Hoje]

L- [Hoje]

P- [Tu não sabe nada]

[Ah, bom.]

[A fonte da informação]

L- [Perfeito]

B- [O Cabral não esconde nada.]

L- Ah, tá. Fonte fidedigna.

P- [Bom] se [procurar bem,] o Cabral esconde.

B- [Não, não esconde nada] O Cabral não. O que é isso?

conversa paralela

ro, exatamente, isso, etc.), indagativos (hem?), divergentes (não, tira essa aí) ou que traziam alguma contribuição ao tópico que estava sendo desenvolvido. Veja exemplos na página seguinte onde SC= sinal convergente, SD= sinal divergente e CT= contribuição ao tópico.

L- Mesma coisa que um concertista. Esclareço aqui, não o cara que conserta cano.

[É,]

é bicicleta. Um pianista, digamos, um virtuose, o do violino ou o do piano (...)

CT

C- Não é com "s" é [com "c"]

B- [É, bici] [cleta]

SC e CT

L- ... eu proponho outra comparação. Você vai num médico, por exemplo, no proctologista, Bel [monte.]

B- [Procto] logista, não. Outro, escolhe outro.

SD

Bom, cardiologista.

[Urolo]

gista, quer dizer, vamos nos países baixos

C- Urolo [gista]

CT

Então o médico que tu quiseres. Falando sério,

P- [Ahã]

SC

[fazer um c]

xame. Vai, o laboratório vai tirar sangue. Mais ou menos corajoso, o cara tá ali tenso, coisa e tal, porque não é o habitat dele, entendeu? [vão]

B- [Tá bom] (risos)

SC

mexer no, no, isso sem falar em transfusão de sangue ou outras coisas

B- [É.]

SC

complicadas.] [mais]

B- [Não, tira essa aí.]

SD

Bom, o normal. Aí, tudo bem pro médico, tudo ruim prá ti. Aí o médico vem aqui. Tu vai entrevistar o médico. Aí o médico eventualmente é que vai tá tenso,

C- Claro. Já [vi. Já vi,] [Já vi]

SC

[entendeu?]

B- [Ele entende]

SC

Quer dizer, ovelha não é prá mato.

[Aí é que tá.]

B- [Digo mais prá vocês.]

B- Digo mais. Só prá dá um pequeno exemplo de pessoa que fica nervosa diante de (...)

Em todo o corpus foram computados 67 sinais encorajadores, que foram classificados conforme o quadro abaixo:

SINAIS ENCORAJADORES (67)		
	com sobreposição	sem sobreposição
Convergentes	58% (39)	18% (12)
Indagativos	3% (2)	-
Divergentes	6% (4)	-
Contribuição ao tópico	15% (10)	-

Como pode ser constatado, a grande maioria dos sinais encorajadores (82%) foram proferidos durante o turno do falante corrente. Somente 18% não se sobrepunham à fala do outro, mas eram proferidas durante uma pausa mínima feita pelo falante corrente durante o seu turno.

Os dados mostram também que a maioria desses sinais eram convergentes (76%) ou ofereciam uma pequena contribuição ao que estava sendo dito (15%), ou seja, os participantes forneciam um "feedback" positivo ao falante corrente, mostrando concordar com o que estavam ouvindo ou simplesmente que estavam acompanhando o andamento da conversação.

Considerando a análise dos resultados acima e o objetivo específico a que nos propomos, a saber, verificar como ocorre a tomada de turnos em uma conversação de caráter informal entre vários participantes, podemos chegar às seguintes conclusões:

a) No tipo de interação analisado, a maioria das tomadas de turno ocorre com sobreposição de falas, sendo que o próximo falante, através da auto-escolha (Regra 1(b)), inicia o seu turno antes do falante corrente ter parado de falar. As transições sem sobreposição caracterizam-se por seqüências muito rápidas, praticamente sem pausas: o próximo falante, através da auto-escolha, inicia imediatamente após o falante corrente ter parado de falar.

b) O tipo de transição predominante caracteriza-se, portanto, pela auto-escolha do próximo falante que, para garantir o próxi-

do turno, começa a falar ainda durante o turno corrente, assim que a mensagem tenha sido considerada completa. Assim, a unidade de turno parece ser a mensagem e o lugar relevante para a transição, o momento em que os interlocutores percebem a mensagem e não a estrutura sintática como concluída.

c) A escolha do próximo falante pelo corrente (Regra 1(a)) ocorreu poucas vezes e foi feita através da primeira parte de um par adjacente e pela nomeação.

d) A repetição ocasional do que ficou obscurecido pela sobreposição parece estar mais associada à confirmação da posse do turno seguinte do que ao esclarecimento para garantir a compreensão, visto que o que foi repetido limitou-se, basicamente, aos sinais de tomada de turno.

e) Foi possível constatar ainda a construção simultânea da palavra por todos os participantes, conversas paralelas aos turnos principais e o uso de vários tipos de sinais encorajadores pelo ouvinte. Não analisamos esses dados de forma mais aprofundada por não serem de número suficiente e/ou por não constituírem o foco desse trabalho.

A caracterização da tomada de turnos descrita acima diferencia a proposta de SSJ (1974) em vários pontos. Primeiro, a unidade conversacional não parece estar essencialmente ligada à sintaxe, mas, sim, ao conteúdo proposicional e funcional do que está sendo dito. Nesse sentido, os resultados vêm ao encontro das colocações de Edelsky (1981), que também vê a conclusão da mensagem como o lugar relevante para a transição entre os falantes. É importante que a unidade conversacional permita a projeção de conclusão do turno, como coloca SSJ, mas essa projeção parece estar associada ao conteúdo e não à estrutura do que está sendo dito.

Os resultados também se contrapõem às idéias de SSJ (1974) no que diz respeito ao caráter das sobreposições de fala. Do ponto de vista dos pesquisadores, as regras de tomada de turnos prevêm

que as transições serão, na maioria, suaves e que as sobreposições serão poucas e, quando ocorrerem, muito breves. Em geral, a postura perante a simultaneidade de falas é adversa: a sobreposição de um ou mais falantes é considerada uma violação às regras e, quando ocorrer, é necessário que haja uma reparação do sistema. Na verdade, essa não parece ser a realidade da conversação informal entre vários falantes brasileiros. Uma vez que a regra é adiantar-se para garantir o turno e é possível envolver-se em conversas paralelas ou ainda desenvolver a palavra conjuntamente, os falantes não parecem considerar a sobreposição de falas uma violação às regras de tomada de turnos ou um comportamento ofensivo na conversação. Como vimos, em geral, não há reparos no sistema, o que confirma a naturalidade desse tipo de transição. Novamente essa constatação vem ao encontro das conclusões de Edelsky (1981) referentes a conversações informais entre falantes nativos de inglês, onde a sobreposição de falas também é vista com naturalidade pelos participantes e onde a transição suave ocorre bem menos do que é previsto para conversações mais formais como as analisadas por SSJ.

Com efeito, parece que as regras propostas tradicionalmente não se aplicam da mesma forma a qualquer tipo de conversação como queriam os pesquisadores. Isso não significa negar totalmente o caráter "um de cada vez" subjacente a qualquer interação, mas sim questionar o seu alcance e o seu caráter normativo.

Em conformidade com as afirmações de Denny (1985), a presente pesquisa sugere que, para cada tipo de interação e inclusive em momentos diferentes da interação, a tomada de turnos pode caracterizar-se pela ausência ou pela presença de sobreposição de fala e que, dependendo da situação social e da relação entre os participantes, as trocas suave e simultânea podem ser consideradas apropriadas (não-marcadas) ou não-apropriadas (marcadas) ao contexto.

Na situação estudada, uma conversação informal entre amigos, a sobreposição de falas foi considerada não-marcada, i.e., ela ocorreu naturalmente e será previsível nesse tipo de interação. Uma transição com pausas longas, sem sobreposições, provavelmente será considerada marcada, anti-natural e até ofensiva aos interlocutores.

4 - CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo verificar como ocorre a tomada de turnos em uma conversação de caráter informal entre vários falantes nativos de português e situar os resultados na literatura atual sobre turnos conversacionais e universalidade. O corpus era composto por uma gravação de treze minutos de uma conversação informal de caráter polêmico entre cinco participantes do programa de rádio "Sala de Redação - Debates Esportivos". Tentando captar o caráter interativo da conversação, os dados foram transcritos com base no modelo proposto por Edelsky (1981). Também a categorização dos elementos observados (turno, palavra, conversas paralelas, etc.) foi baseado no modelo da pesquisadora.

A análise dos resultados evidenciou que, para esse tipo de interação, a tomada de turnos geralmente caracteriza-se pela sobreposição de falas, que constitui um elemento não-marcado nessa situação social e não uma violação das regras do sistema conversacional como era proposto por SSJ (1974). Os dados mostram que o modelo proposto tradicionalmente não pode ser visto como norma única, totalmente independente de contexto, mas sim como um parâmetro do que é usual (não-marcado) em conversações de caráter mais formal.

A tomada de turnos é um comportamento socialmente constituído e determinado em conjunto pelos interlocutores. Como tal, é de se esperar que as formas de obtê-lo variam não só culturalmente mas também de acordo com a situação social em que está inserida a conversação e a relação entre os participantes. Com efeito, pesquisas recentes constataram diferenças quanto ao tipo de transição entre falantes da mesma comunidade linguística dependendo do contexto da interação. A avaliação da sobreposição de falas como uma interrupção ou um comportamento indelicado está diretamente associada à situação social e à familiaridade entre os interlocutores.

Como podemos notar, a formalidade parece ser um elemento importante para definir o tipo de transição apropriada em uma conversação. Considerando que a avaliação de uma situação como formal

ou informal varia entre culturas, não podemos esquecer de caracterizar muito bem o contexto da conversação que estamos estudando para que seja possível delimitar melhor o universo das diferentes realizações de tomada de turnos e das sobreposições de fala. Daí a importância de pesquisas focalizando os aspectos sociolinguísticos envolvidos na interação entre os falantes. Parece-nos fundamental incrementar as pesquisas nessa área para estabelecer o papel dos fatores socioculturais nas mudanças observadas na organização conversacional. Para isso é necessário que estudemos situações de diferentes graus de formalidade tentando, assim, contribuir para um aprofundamento do que realmente pode ser considerado universal no sistema de tomada de turnos.

Não podemos esquecer também de levar em conta o papel dos aspectos não-visuais e das mudanças na fala (entonação, pausas, alongamento de sílabas, etc.) na obtenção dos turnos. A impossibilidade de estudá-los aqui de forma alguma pretende negar a sua importância para o exame mais detalhado do que ocorre na transição entre os interlocutores de uma conversação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKINSON, H., CUFF, E. & LEE, J. (1978) The recommencement of a meeting as a member's accomplishment. In: Schenkein, J. (ed.) Studies in the organization of conversational interaction. New York: Academic Press.
- BUTTERWORTH, B., HINE, R. & BRADY, R. (1977) Speech and interaction in sound-only communication channels. Semiotica, 20 (2): 81-99.
- DENNY, R. (1985) Marking the interaction order: The social constitution of turn exchange and speaking turns. Language in Society, 14: 41-62.
- DUNCAN, S. (1973) Towards a grammar for dyadic conversation. Semiotica, 9: 29-46.
- DUNCAN, S. & FISKE, D. (1977) Face to face interaction. Hillsdale, N.J.: Erlbaum Associates.
- DUNCAN, S., BRUNNER, L. & FISKE, D. (1979) Strategy signals in face-to-face interaction. Journal of Personality and Social Psychology, 37: 301-13.
- EDELSKY, C. (1981) Who's got the floor? Language in Society, 10: 383-424.
- GOFFMAN, E. (1964) The neglected situation. In: Gumperz, J. & Hymes, D. (eds.) The ethnography of communication. American Anthropologist, 66 (6): 133-6.
- _____ (1971) Relations in public. New York: Harper & Row.
- GOODWIN, G. (1981) Conversational organization: Interaction between speakers and hearers. New York: Academic Press.
- LEVINSON, S. (1983) Pragmatics. New York: Cambridge University Press.
- MARCUSCHI, L.A. (1986) Análise da conversação. Série Princípios. São paulo: Ática.
- MCHOUL, A. (1978) The organization of turns at formal talk in the classroom. Language in Society, 7: 183-213.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. (1974) A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. Language, 50 (4): 696-734.
- SHAPIRO, D. (1976) Conversational structures and accurate empathy: An exploratory study. British Journal of social and Clinical Psychology, 15: 213-15.